

Fortalecimento Institucional de Associações Indígenas Parceiras do ISA no Parque Indígena do Xingu e TI Panará

O Projeto de fortalecimento institucional das Associações Parceiras do ISA é uma das iniciativas do Instituto Socioambiental para promover a sustentabilidade territorial e cultural das populações indígenas de diversas regiões da Amazônia Legal.

O enfrentamento político na defesa dos direitos desses povos é insuficiente para garantir sua liberdade e autonomia frente à pressão exercida pelos interesses econômicos existentes na região. Para que essas comunidades fortaleçam sua identidade e protagonizem o desenvolvimento local sustentado, é necessário instrumentalizá-las para interagir com o mundo à sua volta.

As associações indígenas foram instituídas para intermediar esse relacionamento, porém, como representações da cultura ocidental, precisam ser assimiladas e administradas pelos povos indígenas conforme seu modo próprio de se relacionar e agir no mundo.

Além disso, tais meios de representação necessitam se adequar aos padrões de gestão exigidos pelos órgãos reguladores e pelas agências financiadoras nacionais e internacionais. A profissionalização dos seus quadros executivos é um imperativo do mundo moderno.

O Projeto Capacitação em Gestão procura apresentar as diferentes ferramentas de gestão aos jovens indígenas que estão à frente das associações, na tentativa de atender às necessidades imediatas e de longo prazo de elaboração de projetos, captação de recursos e implementação de alternativas de preservação de sua cultura.

Trata-se de um trabalho de longo prazo que vem sendo desenvolvido conforme as dificuldades e os desafios de gestão que se apresentam em cada comunidade. Adapta-se à rotatividade das equipes de trabalho e procura atender a demanda atual – a multiplicação de associações étnicas que expressam nos projetos a esperança de melhorar suas condições de vida.

Histórico

Há cerca de 20 anos a sociedade brasileira vem experimentando uma nova dinâmica, construindo processos de participação e intervenção nas políticas públicas e respeitando a diversidade cultural dos diferentes grupos sociais que a constituem.

Os povos indígenas fizeram parte nesse movimento e acumularam algumas conquistas, como a proteção dos seus territórios, serviços diferenciados de saúde e educação, bem como o direito de fazer a sua gestão. Com isso, surgiu a profissionalização dos jovens indígenas – professores, agentes de saúde, chefes de postos indígenas, chefes de postos de vigilância, agentes ambientais, entre outros.

O acesso aos bens materiais iniciado com o contato se intensificou com a profissionalização dos jovens, gerando novas necessidades de consumo, facilitando o acesso às novas tecnologias e aos bens materiais das cidades. O dinheiro alterou a dinâmica da economia nessas sociedades, sendo usado internamente para comprar produtos alimentares e artesanais, bem como alguns serviços como a pesca, construção de casas, entre outros.

A geração de renda para manter o consumo individual ou familiar e garantir a manutenção dos equipamentos coletivos, sobretudo de energia e transporte, vem estimulando a exploração comercial de recursos florestais de interesse de mercado como alternativa econômica sustentável. Caso contrário, a sujeição aos madeireiros e garimpeiros da região torna-se inevitável.

Os equipamentos sociais instalados nas aldeias e a delimitação territorial levaram à sedentarização dos povos e, com isso, surgiram os problemas decorrentes do uso continuado do solo. A escassez de recursos naturais tradicionais é agravada com o aumento populacional e o avanço da ocupação e exploração econômica nas proximidades das Terras Indígenas.



Sede da Associação Indígena Yakiô Panará, na aldeia Nasepotiti

Mudanças significativas na forma de organização indígena vêm ocorrendo em decorrência dessa nova dinâmica – as lideranças antigas se organizavam para defender direitos enquanto que as lideranças jovens se organizam para administrar os recursos materiais obtidos e garantir a sustentabilidade da própria cultura.

As associações indígenas acompanham esse movimento e vêm se constituindo como espaços de organização dessas novas demandas, de diálogo com outros povos indígenas e não indígenas, de manutenção das conquistas e de busca de satisfação das novas necessidades das sociedades que representam.

Elas se configuram como um instrumento de gestão e proteção territorial, de tradução de demandas em projetos, cuja execução depende de recursos financeiros externos ou geração de renda própria por meio do desenvolvimento de pequenos negócios.

Defender os interesses e direitos dos povos indígenas e se comunicar e estabelecer parcerias são atividades estratégicas que implicam no desenvolvimento de habilidades e/ou competências estranhas aos processos de aprendizagem indígena.

A maioria das associações indígenas parceiras do ISA não tem sete anos de existência. A metade contou com influência de não índios que estimulou sua criação; algumas tinham a idéia mágica de que criar associação seria suficiente para surgir dinheiro e os participantes receberem salários; ainda assim, elas se destacam pela sintonia que construíram entre seus propósitos constitutivos e projetos institucionais e a orgânica relação que estabeleceram com suas comunidades.

Durante o I Encontro das Associações do Parque Indígena do Xingu (PIX) e Terra Indígena Panará pudemos perceber a similaridade de propósitos entre elas. com ênfase na preservação das tradições culturais (100%); na proteção das fronteiras (83%) e dos recursos naturais (67%);

nas atividades produtivas e alternativas econômicas socialmente justas e ambientalmente sustentáveis (67%); na saúde e educação das comunidades (67%) e na organização do sistema de transporte coletivo (33%).

Elas dão os primeiros passos na tentativa de responder às solicitações dos seus povos e iniciar a gestão de pequenos projetos, tais como: manejo de recursos naturais, apicultura/meliponicultura, roça experimental, gado, transporte, fiscalização e artesanato. Para tanto, contam com financiamento nacional e internacional, de instituições públicas e privadas e com o suporte técnico do ISA para implementação e gestão dos recursos. Em 2006 foram executados 11 projetos com financiamento externo.

As pequenas associações enfrentam o reordenamento das comunidades para organização dos serviços e dos projetos voltados a atender interesses específicos das comunidades que representam. Por outro lado, a ATIX faz a articulação das demandas externas e internas, garante a infra-estrutura de transporte fluvial e terrestre, coordena a fiscalização das fronteiras e apóia a comercialização dos produtos indígenas.

Percebemos a necessidade de aportar ferramentas de gestão administrativas e financeiras para as novas associações enquanto que é preciso desenvolver na ATIX uma visão mais estratégica tanto do ponto de vista da representação política fora do PIX, como da articulação e capacitação interna visando à gestão sustentada do território.

O Projeto Capacitação em Gestão foi criado para aportar conhecimentos e desenvolver habilidades de gestão atuando em três frentes: capacitação para cada associação indígena nos processos de gestão; qualificação da participação das associações no movimento indígena e indigenista e articulação e mobilização das associações na gestão de serviços coletivos.



Sede da associação Terra Indígena Xingu, no Posto Diauarum

Objetivo geral

Aumentar o protagonismo das associações indígenas na gestão de seus interesses por meio da reflexão sobre a questão indígena e da capacitação para a administração de bens, serviços e recursos financeiros coletivos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS / RESULTADOS ESPERADOS / INDICADORES DE RESULTADOS

1. Construir processos de capacitação em gestão fundados nas realidades de cada associação, visando o aprimoramento das capacidades de execução de projetos e da

geração de renda para a sua manutenção e o atendimento das demandas das comunidades.

2. Qualificar a participação e estimular a articulação e a mobilização entre as associações, ampliando a reflexão sobre os direitos indígenas e desenvolvendo estratégias de intervenção política e gestão compartilhada dos territórios.



Loja de artesanato gerida pela associação Kisêdjê, na aldeia Ngohjwêrê

Atividades desenvolvidas

A proposta de trabalho é construída a partir das demandas dos grupos beneficiários e é baseada nos processos em diferentes estágios de desenvolvimento pelas comunidades e busca o diálogo, para além das diretorias das associações, com os diferentes segmentos envolvidos nas atividades: lideranças, anciões, mulheres e jovens. As atividades são desenvolvidas a partir das experiências e realidades apresentadas e se traduzem em vivências e exercícios práticos, parte-se do concreto para a elaboração mental - e o conhecimento é construído a partir da atividade prática.

À medida que o trabalho evolui, cria-se uma rotina de supervisão e monitoramento que pode se caracterizar como novas oficinas para desenvolvimento dos aspectos não trabalhados ou para aprofundamento de questões que apresentaram dificuldades, ou ainda para a implantação de registros técnicos e revisão de documentos produzidos por eles.

As principais atividades desenvolvidas são:

1. Encontros e oficinas para elaboração de projetos - envolvendo as diretorias das associações, as lideranças, outros representantes das comunidades e jovens em formação, para identificar necessidades, potencialidades, formular propostas e prever processos para resolver questões eminentes nas aldeias;

Encontros e oficinas para monitoramento de projetos – envolvendo as equipes que trabalham diretamente na execução dos projetos com ou sem financiamentos externos para planejar

atividades, definir procedimentos, distribuir tarefas, criar instrumentos de controle e avaliar processos e resultados;



Oficina de gestão administrativa e financeira do projeto de manejo desenvolvido pela Associação Moygu, dos Ikpeng

3. Assessorias e oficinas sobre gestão administrativa e financeira de projetos – envolvendo prioritariamente os tesoureiros ou funções similares e equipes administrativas para criar controles financeiros e de processos, organizar documentos, preparar orçamentos e licitações e realizar prestações de contas para financiadores;



Diretoria da Associação Yakiô, dos Panará, no escritório de contabilidade

4. Assessorias e oficinas sobre gestão de pequenos negócios (produtos florestais não madeireiros) – envolvendo diretores e equipes de trabalho no planejamento dos

procedimentos de produção e comercialização, nos controles de materiais, estoque e pagamento dos fornecedores.



Reunião com diretores de associações e lideranças sobre gestão da apicultura

5. Encontros e curso de formação sobre gestão territorial e patrimônio cultural dos povos indígenas – envolvendo diretores, lideranças jovens e equipes de trabalho das associações para integração, articulação e compartilhamento de propostas e projetos coletivos e formação continuada sobre diagnóstico socioambiental e políticas públicas diferenciadas.



Fernando Mathias, advogado do PPDS, em oficina com os Yudja sobre direito de imagens

Perspectivas

Conciliar os direitos históricos dos povos indígenas com os interesses da sociedade nacional se tornou possível a partir da consciência de que as florestas são essenciais para a vida do planeta. Sua diversidade é resultado das intervenções dos povos que nela habitam e é possível gerar benefícios econômicos e sociais a partir delas.

Desta forma, a valorização da cultura indígena passou a interessar a todos os povos e a intensificação do contato com a sociedade não indígena é inevitável. O fortalecimento da identidade desses povos e das condições para manutenção dos meios de subsistência são um imperativo para que esse relacionamento se estabeleça com respeito e de forma igualitária.

As associações indígenas recentemente criadas são instrumentos importantes de interação entre os povos. Através delas, contratos de uso sobre seus conhecimentos, recursos e costumes serão firmados. O discernimento sobre os interesses que estão em jogo e os benefícios que envolvem será imprescindível para que o contato seja positivo e frutífero para todos os envolvidos.

O Projeto Capacitação em Gestão das Associações Parceiras do ISA tem o compromisso de aportar conhecimentos e ferramentas de gestão para auxiliar as novas lideranças indígenas a interagirem com as outras sociedades. Pretende ainda, colaborar para aumentar a consciência sobre a questão indígena e desenvolver capacidade de reflexão estratégica, buscando manter suas tradições, bem como os benefícios materiais necessários à proteção e sustentação do seu território.

Associações



A parceria do ISA com a **Associação Terra Indígena Xingu (ATIX)** iniciou-se em 1995. O surgimento da ATIX se deu quase como uma reação de um conjunto de lideranças diante da desestruturação e abandono da política indigenista do Estado, historicamente marcada por ações excessivamente centralizadoras e paternalistas, desde a criação do Parque Indígena do Xingu (PIX). A ATIX tem sido uma organização de referência do PIX, formando quadros indígenas, organizando e mobilizando as diferentes etnias em processos políticos. Dentre suas conquistas estão a organização do distrito de saúde, a organização das escolas indígenas, o reconhecimento de parcelas de territórios tradicionais excluídas da demarcação original do PIX, a proteção e fiscalização dos recursos e do território do PIX, assim como a produção e comercialização do mel produzido nas aldeias e o transporte fluvial e terrestre do PIX.

A **Yakiô**, associação do povo Panará, foi criada em 2001 após a reconquista de parte do território ancestral, a Terra Indígena Panará, diante da necessidade de uma pessoa jurídica para receber e administrar os recursos da indenização, recebida do governo federal pelas vidas perdidas durante a construção da rodovia BR 163, que arrasou suas aldeias na região de Matupá, centro norte do estado do Mato Grosso.

Com o retorno ao território de origem, foram feitos diversos diagnósticos sobre as condições dos recursos naturais ali existentes. Dentre os projetos em execução estão a apicultura e a coleta e comercialização de sementes de castanha. Mais recentemente a comunidade se envolveu na identificação de copaíba para coleta e análise de óleo, visando uma possível comercialização futura.



O território permanece como foco central desse povo que vem construindo propostas de investigações, dentro e fora dos seus limites, para resgatar e registrar suas origens, suas histórias e reafirmar sua identidade cultural.



A associação **Yarikaiu**, do povo Yudjá, foi criada em 2002 em consequência de um longo processo de reflexão na comunidade Yudjá, para investir prioritariamente na revitalização da sua cultura.

A partir de então, dirigentes e comunidade em geral se envolveram em um conjunto de iniciativas entre expedições, oficinas e festas, que resultou na recuperação de alguns recursos naturais em extinção, na gravação de cerca de 700 músicas e na construção de 21 instrumentos musicais, gerando um processo de revitalização e transmissão de conhecimentos entre velhos e jovens que estava sendo perdido.

Essas iniciativas ganharam reconhecimento público, tendo conquistado o Premio Culturas Indígenas Ângelo Creta e uma doação de equipamentos de projeção de vídeos que foram incorporados à rotina da aldeia, quando a comunidade se encontra na varanda da escola para assistir vídeos produzidos por outros povos indígenas.

A associação ingressou em 2007 na Campanha Y Ikatu Xingu e mobilizou suas quatro aldeias na coleta e venda de sementes para contribuir com a recuperação das matas ciliares dos formadores da bacia do rio Xingu. Em um ano de atuação, obteve uma receita de cerca de cinco mil reais com a comercialização de sementes florestais.

Criada em 2002 por membros da comunidade Ikpeng, a associação indígena **Moygu** teve seu primeiro projeto implementado em 2005 visando atender o sonho dos mais velhos de retornar ao seu território de origem que denominam de Jatobá, situado a oeste do Parque Indígena do Xingu. Realizaram expedições de reconhecimento e resgataram diversos recursos naturais que estão recuperando na aldeia.



Com uma população jovem bastante mobilizada, organizada no Movimento Jovem Ikpeng, vêm discutindo no âmbito da escola as perspectivas de sustentabilidade ambiental do Parque e promovem em 2008 o 1º Encontro de Jovens do Xingu, para debater com as lideranças do PIX as estratégias de proteção dos seus recursos naturais essenciais.

Também preocupados com a recuperação dos registros culturais e com a sua transmissão para as futuras gerações, estão instalando uma Casa de Cultura no Posto Indígena Pavuru, que será equipada com apoio técnico do Projeto Vídeo nas Aldeias e apoio financeiro da Petrobrás.



A Associação **Tapawia** foi criada em 2004 para preservar a tradição dos Kawaiweté das aldeias Tuiararé e Kwaruja. E neste mesmo ano conseguiu apoio do Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas – PDPI para fazer o resgate da tecelagem e cestaria Kawaiweté, por meio de intercâmbio com seus parentes da aldeia Kururuzinho do Pará em parceria com a ATIX.

O projeto conseguiu registrar 52 diferentes trançados das

peneiras Kawaiweté e resultou na construção da Casa da Cultura da Aldeia Tuiararé, com a intenção de se tornar um centro de difusão do artesanato Kawaiweté. O sucesso do projeto resultou no Premio Culturas Indígenas edição Ângelo Creta e se desdobrou em novos aprendizados.

Atualmente a comunidade está envolvida no planejamento de uma fábrica para processamento de tucum, tendo elaborado diagnóstico da situação desse recurso nas aldeias envolvidas e identificado cerca de cinco mil pés dessa palmeira. O projeto deverá aproveitar a palha, o coco, o óleo e a madeira para a produção e comercialização sustentada desse recurso natural.



A **Associação Indígena Kisêdjê (AIK)** foi criada em 2005, após nove anos da preparação de sua equipe na ATIX, visa atender as novas necessidade decorrentes do contato e a manutenção dos bens e direitos adquiridos nas quatro aldeias Kisêdjê da TI Wawi. Tem a responsabilidade de gerenciar as equipes de fiscalização, manejo/pomar, apicultura, artesanato e criação de gado.

Sua maior preocupação é a degradação ambiental. Vem investindo esforços para reverter o grande desmatamento da região, tendo conseguido recursos com o Fundo Soja para multiplicação de variedades tradicionais como o pequi e a mangaba e com o Fundo Xingu para recuperação de matas ciliares em áreas degradadas no seu território.

Vem investindo em comunicação, produzindo registros da sua cultura e está em vias de montar uma produtora de vídeo. Ganhou visibilidade depois da participação em comercial da Grendene para divulgar uma nova linha de sandálias com grafismos étnicos atrelada à Campanha 'Y Ikatu Xingu e participou de documentário sobre mudanças climáticas no canal de televisão National Geographic.